

MULHERES IMIGRANTES NA CONTEMPORANEIDADE

Immigrant Women in Contemporaneity

Mujeres Inmigrantes en la Época Contemporánea

DOI 10.55028/geop.v19i36

Jessica Campos de Freitas*
Lucilene Machado Garcia Arf**

Resumo: Este artigo tem como objetivo contribuir para estudos sobre imigração de mulheres na contemporaneidade. Pontuamos alguns dos motivos os quais as levam a imigrar. Trata-se de um recorte de estudo de mestrado, cujos métodos se enquadram nos referenciais teóricos de abordagem qualitativa, voltada aos estudos de gênero em contexto de fronteira, destacando a promoção de igualdade de gênero nos fluxos migratórios, uma vez que as relações de gênero permeiam todas as áreas de produção social. Com base em teorias e posicionamentos feministas o trabalho busca apresentar visões e posturas acerca do papel da mulher no movimento migratório.

Palavras-chave: Mulheres, Feminismo, Imigração, Contemporaneidade.

Abstract: This article aims to contribute to studies on women's immigration in contemporary times. We highlight some of the reasons that lead them to immigrate. This is an excerpt from a master's degree study, whose methods fall within the theoretical framework of a qualitative approach, focused on gender studies in a border context, highlighting the promotion of gender equality in immigration flows, since gender relations permeate all areas of social production. Based on feminist theories and positions, the work seeks to

Introdução

A imigração é um fenômeno que teve um crescimento significativo no final do século XX e início do século XXI. No mundo globalizado a circulação de informação é maior e com isso a visibilidade desse assunto se torna mais evidente na sociedade contemporânea. Dessa maneira, o crescimento das movimentações populacionais foi significativo e explosivo, visto que as condições de deslocamentos são diversos, dinâmicos e ganharam destaques com os avanços tecnológicos vigentes.

Nesse sentido, a problemática do estudo está em compreender como as distinções e desigualdades de gênero afetam as migrações femininas contemporâneas, visto que a participação de mulheres nos fluxos migratórios internacionais cresceu progressivamente.

* Graduação em Letras Habilitação - Português/Espanhol (UFMS); Mestranda em Estudos Fronteiriços (UFMS). Professora da Rede Municipal de Ensino de Corumbá. E-mail: jessica_defreitas@outlook.com.

** Graduação em Letras/Inglês/Espanhol (UNIDERP); Mestrado em Estudos literários (UFMS); Doutorado em Teoria da literatura (UNESP). Professora adjunta da UFMS. E-mail: lucilene.arf@ufms.br. ORCID: 0000-0001-7870-3636.

present views and positions regarding the role of women in the immigration movement.

Keywords: Women, Feminism, Immigration, Contemporary Times.

Resumen: Este artículo pretende contribuir a los estudios sobre la inmigración femenina en la época contemporánea. Destacamos algunos de los motivos que les llevan a emigrar. Este es un extracto de un estudio de maestría, cuyos métodos se enmarcan en el marco teórico de un enfoque cualitativo, centrado en los estudios de género en un contexto fronterizo, destacando la promoción de la igualdad de género en los flujos migratorios, ya que las relaciones de género permean todos los ámbitos de la producción social. Basado en teorías y posturas feministas, la obra busca presentar visiones y posiciones respecto del papel de las mujeres en el movimiento inmigratorio.

Palabras clave: Mujeres, Feminismo, Inmigración, Época Contemporánea.

Com isso, a feminização das imigrações é fato que merece atenção e pesquisas recentes buscam entender essa nova configuração. Para tanto, o método de abordagem utilizado foi o dialético e como técnica de pesquisa foi empregada a pesquisa bibliográfica.

O estudo está organizado de maneira a apresentar uma breve trajetória de mulheres imigrantes na contemporaneidade. No segundo tópico é evidenciado que o número de mulheres imigrantes são a maioria entre os imigrantes. No terceiro momento discutimos o abrangente crescimento de mulheres como chefes de família e o fenômeno da chamada feminização da pobreza. O quarto tópico busca compilar questões relacionadas às memórias e denúncias de mulheres que enfrentam grandes percalços a fim de mudarem de vida.

Este trabalho é um recorte de um estudo de mestrado, cujos referenciais teóricos de abordagem enquadra-se na modalidade qualitativa voltada aos estudos de gênero em contexto de fronteira e procura fornecer subsídios para reflexões, somando-se aos estudos do tema e contribuir para o início de uma compreensão mais aprofundada acerca do papel da mulher e sua ascensão.

Trajectoria de mulheres imigrantes na contemporaneidade

Ao recorrer a historicidade, vemos que por muito tempo as mulheres foram minimizadas socialmente e denún-

cias dessas ações ocorreram e ocorrem por meio da literatura, por se tratar de um grande recurso para reflexões sobre procedimentos diversos. As experiências das mulheres nos fluxos migratórios são continuamente negligenciadas, porém, atualmente pesquisas acerca do gênero estão se tornando mais visíveis e elucidam as desigualdades com as mulheres imigrantes e servem como material de dados para a defesa do gênero.

No final do século XVII e início do século XIX a mulher não tinha autonomia para assumir seu próprio posicionamento intelectual e discursivo, a partir daí, houve uma revolução de movimentos feministas em busca de igualdade intelectual, de deveres e, principalmente, de direitos. “Movimento de mulheres, que equiparavam a libertação da mulher à igualdade de direitos e à “igualdade de oportunidades” no sistema econômico existente, revelou a possibilidade de usar o movimento para apoiar o desenvolvimento” (Federici, 2018, p. 240).

A representação feminina cresceu e apesar da ascensão, o nível de igualdade não era reconhecido socialmente. Dessa maneira, a voz feminina era silenciada. Mas, as mulheres foram em busca de conquistas, principalmente, para assumirem a própria identidade, ignorando expectativas alheias. Nesse processo, o discurso vai surgir como representação com o fim de promover a visibilidade social e política de mulheres, questionando, através do discurso, as concepções de dominação e subordinação (Butler, 2003). Viés em que se percebe a importância da representatividade do movimento feminista em busca de igualdade de direitos. Para Judith Butler (2003) o feminismo é uma luta pelos direitos das mulheres, como sempre foi, mas é também uma desmontagem do que chamam de “mulheres”.

Para a teoria feminista, o desenvolvimento de uma linguagem capaz de representá-las completa ou adequadamente parecendo necessário, a fim de promover a visibilidade política das mulheres. Isso parecia obviamente importante, considerando a condição cultural difusa na qual a vida das mulheres era mal representada ou simplesmente não representada (Butler, 2003, p. 18).

É visível a importância de estudos sobre o protagonismo feminino na contemporaneidade, pela possibilidade de uma linguagem capaz de representá-las e, por consequência ocasionar mudanças de paradigmas necessários para construir uma sociedade igualitária entre os gêneros, independente do lugar geográfico. Pois quando a mulher decide imigrar ela migra na expectativa de um recomeço com dignidade e apropriação de direitos sociais, políticos e econômicos para que possam se integrar e participar ativamente no país de destino, diferente de onde vivia.

Discutir e discorrer acerca da mulher em sua trajetória, especificamente, a de imigrante, é recorrer à história e entender a realidade das que buscam imigrar

a fim de ganhar espaço, direito e democratização através de suas lutas com base em teorias e posicionamentos feministas. A perspectiva de uma integração de bem-estar e familiar se enquadram nos critérios de busca e êxodo que muitas vezes ficam rendidos a decisões custosas. São escolhas relevantes entre pessoas e realidade, especialmente quando os eixos se atêm a elementos do quadro humano, que englobam fatores políticos, econômicos, sociais e culturais.

Os principais fatores que levam mulheres a querer imigrar é a busca de trabalho e boa renda para sustento familiar e pessoal, exploração laboral, violência doméstica, guerras, perseguições ideológicas e culturais (Assis, 2007).

A trajetória de mulheres imigrantes para encontrar um novo começo não é simples, pois estão particularmente vulneráveis à discriminação e ao abuso. Têm menos oportunidades de emprego e ganham menos do que os homens e mulheres nativos. Martes 2009, ratifica para uma compreensão mais ampla dos fluxos migratórios, considerando não apenas fatores econômicos, mas também as dinâmicas familiares e de gênero que influenciam as decisões de imigrar. Pois a mulher que decide imigrar veste uma armadura, assegurando-se em uma decisão de coragem concatenada ao desejo de melhor condição de vida. À vista disso, a autora Silvia Federici (2018), em seu livro *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*, narra com riqueza de detalhes debates a respeito da luta de mulheres no combate ao sistema capitalista e colonialista, indaga sobre as imposições do trabalho doméstico às mulheres, assim como as implicações de subordinação e exploração às vidas sociais. Assegura que, falar das lutas como meio de expressão/denúncia e superação é mostrar a importância dos movimentos feministas que defrontam direitos e serviços essenciais às mulheres.

Na contemporaneidade o fenômeno social adquire novos traços e complexidades e a participação das mulheres no contexto migratório se torna mais efetivo e plural, com isso, novas formas de enfrentamentos ganham diversas tendências de movimentação.

Martes (2009) destaca que as mulheres imigrantes não são meras espectadoras no processo migratório. Pelo contrário, elas participam ativamente, integrando e articulando redes de migração. Ademais, salienta que a migração provoca mudanças nas relações familiares e de gênero ao longo do processo. Fica evidente que a migração é um fenômeno social antigo, motivado por diversos fatores e que o gênero feminino está inserido e de grande proporção. Os temas defendidos pela ativista alavancam movimentos, discursos, e sua voz mostra influência, além de contribuir para estudos e debates a respeito da mulher como imigrante em região de fronteira e mostrar que uma mulher pode sair de um lugar de opressão e se tornar resistência e símbolo de superação onde seus direitos são garantidos.

Elas são maioria entre imigrantes

As mulheres ao decidirem migrar já perpassaram por muitos conflitos, muitas vezes, eventos traumáticos, como por exemplo o empobrecimento, expulsão de casa, todos os tipos de violência, abandono entre outros. Essa migração também pode ser vista como uma luta por maior autonomia e autodeterminação, por meio da saída do lar, como a busca por relações de poder mais favoráveis Federici (2018).

É difícil quantificar o aumento da violência contra as mulheres, e seu significado é mais bem apreciado quando consideramos a violência em termos qualitativos, a partir do ponto de vista das novas formas que ela tem tomado. Em vários países, sob o impacto do ajuste estrutural, toda a estrutura familiar tem se desintegrado. Isso ocorre frequentemente por consentimento mútuo — quando um ou ambos os parceiros migram, ou ambos se separam na busca de alguma forma de renda (Federici, 2018, p. 228).

Em uma era multifacetada e contemporânea, a imigração se torna sistemática e contínua. Neste sentido, o aumento da participação das mulheres nos fluxos migratórios tem evidenciado demandas significativas para teorias sobre o papel da mulher contemporânea. Mas isso não omite o que mulheres passaram e passam por conta da imigração.

Imagens de mulheres agarrando os filhos entre os escombros do que antes era sua casa, ou lutando para recriar uma vida sob barracas de campos de refugiados, ou trabalhando em sweatshops em bordéis ou como trabalhadoras domésticas em países estrangeiros são veiculadas há anos na imprensa (Federici, 2018, p. 182).

Estudiosas feministas concordam que mulheres em todo o mundo carregam um “custo desproporcional” pela integração econômica global de seu país.

Os tradicionais papéis sexuais também contribuíram para determinar os níveis e os padrões da migração. As imigrantes, uma vez estabelecidas, mantiveram relações com a sociedade de origem e teceram conexões com a sociedade de destino, construindo redes de migração que estimularam novas migrações (Assis, 2007, p. 749).

A explicação para o aumento significativo das mulheres nas imigrações está relacionada às mudanças na política migratória. Dados apontam a presença feminina nos fluxos migratórios, de acordo com a OBMigra (Observatório das migrações internacionais), o número de mulheres e crianças/adolescentes tem aumentado sistematicamente nos últimos anos. Esses dados transparecem que as mulheres estão em êxodo e à procura de visibilidade, oportunidades de direitos e protagonismo social.

Na contemporaneidade, a visão de imigrante é totalmente diferente de seus antecessores, pois atualmente existem sistemas modernizados seja de comunicação

ou transporte, mais acessíveis e dinâmicos. Acredita-se muito em ganhos positivos e de rápido acesso, porém não é isso o que geralmente acontece.

Apesar de muitas imigrantes terem uma melhor qualificação e escolarização, ao imigrar ainda se direcionam a ocupações tradicionalmente femininas, por exemplo, o emprego doméstico. A inserção da mulher em ramos pouco reconhecidos se dá pela diferença não apenas de gênero, mas sim por origem, nacionalidade, cor da pele, traços fenóticos, categorizações que se relacionam com a imagem da mulher.

As mulheres como chefes de famílias

O processo de separação de mulheres não está relacionado a uma única razão, mas sim a uma conjugação de acontecimentos. Esse fenômeno se dá por fatores relativos à violência doméstica, não colaboração de despesas, uso de bebidas alcoólicas, entre outros. Estudos científicos estão discutindo mais sobre o assunto e concluem que esse campo está atribuído ao viés patriarcal das políticas públicas, pois mesmo em tempos contemporâneos os direitos de mulheres ainda são limitados e catastróficos.

Falar em chefia feminina significa entender que, atualmente, essa é uma situação vivenciada por mulheres pertencentes a diferentes classes sociais e rotulá-las significa negligenciar camadas que precisam de um olhar mais atento. O fenômeno da chefia de domicílios por mulheres constitui uma nova realidade no mundo contemporâneo e isso faz com que mulheres se enquadrem em condições de pobreza mais do que os homens.

O índice de mulheres como chefe de família tem aumentado progressivamente no século XXI. Para mulheres imigrantes as dificuldades aumentam e o índice de chefia aumenta substancialmente, no entanto, essas mulheres são empobrecidas, em vários aspectos, e estão mais expostas a terem seus direitos violados. A chefia feminina acarreta a “feminização da pobreza”, termo que Federici Silva utiliza para ratificar sobre o índice de mulheres chefes de família. Segundo a filósofa, a globalização provocou o aumento da “feminização da pobreza” e transpareceu os fatores que motivam a dramática condição de vida das mulheres, pois a tarefa reprodutiva, afetiva e doméstica está predominantemente associada à mulher e esse fenômeno é global.

As mulheres ao redor do mundo são afetadas por tal caracterização. Federici retoma debates realizados por Karl Marx e Friedrich Engels com teorias feministas sobre a relação do gênero, capitalismo e emancipação feminina. Essas ideias influenciam debates contemporâneos sobre a igualdade de gênero e justiça social.

Com isso, Federici ratifica que a globalização tem provocado o crescimento da “feminização da pobreza”,

Ainda que estudos comprovem o empobrecimento das mulheres pelo mundo, poucas feministas admitem que a globalização não só provocou uma “feminização da pobreza” como contribuiu para o surgimento de uma nova ordem colonial, criando divisões entre as mulheres — o que o feminismo deve combater (Federici, 2019, p. 137).

É evidente que a filósofa critica a relação direta da globalização e o aumento da chefia familiar. Preconiza que tal efeito acarreta as desigualdades econômicas e sociais enfrentadas por mulheres e isso deve ser combatido por feministas que lutam por direitos iguais sem discriminação social. Pois, alguns movimentos se equivocam em suas lutas e acabam direcionando suas ações para um grupo específico e não englobam todo o gênero em si. Neste contexto, umas das questões emergentes nos estudos sobre mulheres imigrantes se dá na sua dupla depreciação, por serem imigrantes e trabalhadoras chefes de família. A desvalorização social e política das imigrantes possibilita usá-las como produto da globalização. Assim, organizações feministas propõem marchas por lutas sobre violência, desigualdade, fome, entre outros, porém Federici pontua que,

Diante desse cenário, fica explícito que qualquer projeto feminista exclusivamente implicado com a discriminação sexual, sem situar a “feminização da pobreza” no contexto do avanço das relações capitalistas, estará condenado à irrelevância e à cooptação. Além do mais, deve-se levar em conta que a NDIT introduz uma redistribuição internacional do trabalho reprodutivo que fortalece as hierarquias inerentes à divisão sexual do trabalho e cria novas divisões entre as mulheres (Federici, 2018, p. 151).

Nessa perspectiva, os movimentos não devem dar ênfase somente às questões de desigualdades sociais, deve-se levar em pauta a expansão da chefia de domicílio por mulheres, principalmente, imigrantes, pois essas que muitas vezes são invisibilizadas e precisam ganhar espaço e vozes para enfatizar a necessidade de um atendimento humanizado em sua mobilidade.

A responsabilidade de chefiar uma família não altera a dimensão do afeto e cuidado, mas sobrecarrega a mulher nos âmbitos físicos e psicológicos, pois ela sabe que tem que arcar com o sustento do lar e sua vulnerabilidade socioeconômica é o elemento principal no sistema migratório.

Temos hoje, mais do que em qualquer outro momento, uma compreensão mais clara dos problemas enfrentados pelas mulheres imigrantes. Entretanto, se investigarmos as perspectivas que determinam as políticas públicas, verificaremos que não há mudanças sólidas sobre as condições materiais e imateriais dessas mulheres, nem as implicações dessas mudanças nas organizações atuais de auxílio

a imigrantes. Há lacunas que precisam ser preenchidas com efeitos sólidos que beneficiam as mulheres chefes de famílias.

Sendo assim, a combinação de fatores objetivos – como a ampliação da entrada da mulher no mercado de trabalho nas três últimas décadas – com as profundas transformações nas subjetividades, num contexto de globalização e avanço de movimentos sociais e de novos protagonistas sociais, como o movimento feminista, vai produzir uma situação de grande complexidade, reafirmando a ideia de que a ampliação dos domicílios com chefia feminina é um processo multideterminado e, por tanto, também, multifacetado (Macêdo, 2008, p. 394-395).

As mulheres imigrantes chefes de família constituem uma situação paradigmática da equação gênero e família e das possibilidades abertas pelo uso do primeiro termo como explicativo do segundo, pois quando se fala em família tem-se em mente a família tradicional chefiados por homens (Macêdo, 2008). No entanto, o avanço de estudos e pesquisas comprovam a diversidade de arranjos familiares e trazem à tona o aumento de famílias chefiadas por mulheres. Fazendo um recorte sobre as mulheres imigrante, a discussão volta-se para a precariedade socioeconômica dessas famílias, vulneráveis a diversos fatores desumanos, principalmente, em sua trajetória a um novo lar.

Assim, as ideologias de gênero são a base para se entender o que vai definir a identidade primeira desse grupo – *mulher*, depois, *chefe de família*. Inclusive, é o principal fator que lhes define um “lugar” no mundo: tornam-se chefes de família porque são *mães*, num contexto social... (Macêdo, 2008, p. 396).

Nota-se que a chefia feminina está entrelaçada ao fato do gênero e é fundamental que estudos em torno da relação chefia feminina e imigração levem em consideração indicadores que resultam na assistência desse grupo específico. Pois, além de discriminação baseada no gênero, as mulheres imigrantes enfrentam situações de exclusão pelo fato de serem a chefe da família no fluxo migratório.

Notamos que por um lado as imigrantes conseguem se inserir no país desejado e conquistar alguns direitos, ocupando novos espaços na vida social, por outros vemos barreiras e circunstâncias que enfrentam que é a chamada feminização da pobreza, principalmente, nas camadas mais pobres. Pensar o contexto plural das mulheres chefes de família mostrando a diversidade de situações é importante para uma nova visão desse contexto social.

Para a mulher imigrante, especialmente para a mãe, a circunstância de imigrante representa uma fonte de tristeza, desânimo e ansiedade, pois a dinâmica de mobilidade afeta a mulher em todos os aspectos, inclusive sua prole. Vê-se que o movimento migratório fica estruturado a uma ordem econômica, por isso,

ratifica-se a importância de um olhar mais atento às mulheres imigrantes, pois o que percebe é que o sistema a vê de maneira superficial e homogênea.

Entre as memórias e a denúncia

O desejo de mudar a realidade que oprime as mulheres acompanha a força do feminismo. Acima de tudo, o poder feminista é alimentado por uma força de desobediência que desobedece e substitui as barreiras impostas pelo patriarcado. Esta não é uma prática (ou teoria) ingênua, mas uma proposta de transformação social global que não pode esquecer o papel da mulher na sustentação socioeconômica, política, cultural (Barríos, 2005).

Federici (2020) estabelece relações com as práticas do feminismo encontradas em países latino-americanos, pontuando que os novos movimentos de mulheres é um processo de radicalização política, cada vez mais, as mulheres se conscientizam de que seu ativismo deve não apenas proteger as vidas de suas comunidades contra as atividades das companhias transnacionais, mas deve também transformar o atual desenvolvimento econômico em que respeite o ser humano e a terra.

Mulheres indígenas/camponesas, em conjunto com as redes feministas, como a Marcha Mundial das Mulheres, estiveram também no coração da Cumbre de los Pueblos, encontro dos movimentos sociais que se reuniram pela última vez no Rio de Janeiro em junho de 2012, na ocasião do Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável realizada vinte anos após a Cúpula da Terra da ONU de 1992 (Federici, 2020, p. 4).

Outro aspecto notório que a autora preconiza é a crescente assimilação pelas mulheres rurais/camponesas/indígenas das questões levantadas pelo feminismo popular, tais como: a desvalorização do trabalho doméstico, o direito das mulheres de controlarem seus corpos e suas capacidades reprodutivas, e a necessidade de resistirem à crescente violência contra a mulher.

A conscientização feminista são ideias defendidas por ativistas que buscam romper com a crescente desvalorização e violência contra as mulheres migrantes. O surgimento de novas posturas críticas na contemporaneidade em referência às estruturas patriarcais que governam as relações de propriedade sobre corpos femininos, visam contribuir para a propagação de um discurso não hegemônico em seu país, uma vez que elas não lutam por si, mas pelo grupo de habitantes e trabalhadoras. Logo, seus discursos não é apenas uma história individual, mas de todo um grupo.

Corroborando acerca do tema, temos as reflexões da escritora Julieta Paredes ativista boliviana que defende o feminismo comunitário e afirma que as mulheres

lutam contra o sistema patriarcado que é o sistema de todas as opressões, discriminações e violências.

Cada una de nosotras vive realidades distintas, pero todas tenemos un común denominador: este sistema patriarcal, alimentado de normas sociales sembradas en nuestros imaginarios colectivos, nos pone a las mujeres en condiciones desiguales frente a los hombres, dándoles poder sobre nosotras, negándonos el espacio público y político, quitándonos decisiones cada vez más elementales; y cuando una de nosotras se atreve a transgredir, somos presa fácil de violencia y luego somos las que tenemos que pedir disculpas por las agresiones recibidas (Paredes, 2010, p. 31-32).

Convém destacar que a mulher passou por muitas dificuldades e muitas delas já superadas, dessa maneira, democratizar seu discurso e direitos significa dar acesso, tornar popular, e garantir o acesso igualitário de todos os direitos que o cidadão possa ter independente de ser imigrante ou não.

Paredes ainda pontua que se deve afastar da prática sexista e conservadora e preconiza a inclusão de ações e lutas como categorias políticas para fortalecer as organizações das mulheres. A fim de conter diferenças e diversidades seja política, sexuais, ideológicas, culturais etc.

Assim como Paredes, Judith Butler pontua que é contra a discriminação às mulheres e todas as formas de desigualdade de gênero, mas também expressa que exige uma política que leve em consideração as restrições que são impostas ao desenvolvimento humano. Existem discussões com vários teor e problemas, inclusive, problemas do gênero que por muitas vezes eram excluídos dos debates da época.

Federici discute sobre a questão da luta das mulheres, no movimento feminista, debate direto com as ideias da boliviana, com as múltiplas opressões que as mulheres sofrem e o desejo de mudanças. Dialogando com Martes, Federici pontua que as mulheres também comandam o esforço de coletivizar o trabalho reprodutivo como uma maneira de economizar no custo da reprodução e de proteger umas às outras da pobreza, da violência de Estado e da violência dos homens.

Percebe-se que o cenário fronteiriço vem ganhando muito destaque em estudos científicos e o enfrentamento que a ativista passou na condição de mulher é exemplo para uma ressignificação da luta das mulheres em meio a contemporaneidade nas regiões de fronteira, pois o discurso histórico de grandes vozes colabora para a luta de mulheres em diversos espaços geográficos e sociais.

Considerações finais

A imigração feminina tem aumentado significativamente na contemporaneidade, visto que as mulheres representam, atualmente, uma parcela considerável no universo da população imigrante pelo mundo. Esse crescimento resulta em fatores de forças estruturais pelos papéis de gênero, pela violência e pela globalização. Ademais, para além desses fatores, vemos que as mulheres imigrantes enfrentam a situação da feminização da pobreza. Fato esse que acarreta ainda mais em sua vulnerabilidade social.

Refletir sobre o contexto de mulheres chefes de família contribui para ampliar estudos sobre essa realidade, visto que há um progressivo aumento da feminização da pobreza. Debater sobre o referido tema, mostrando que há diversidade nessa condição é importante para uma conscientização pública sobre essa crescente realidade.

Este trabalho objetivou apresentar como lutas feministas são importantes para a defesa da mulher em trajetórias de imigração, como estudos e posições discursivas científicas influenciam na formação para um pensamento crítico. Constatamos o aumento do fenômeno de chefia domiciliar de mulheres e pontuamos alguns dos motivos que levam as mulheres à escolha de imigrar e como posicionamentos teóricos e estudos são importantes para evidenciar a competência da mulher a partir de lutas de suas antecessoras, a fim de reconhecer ações que podem mudar atitudes e pensamentos de uma comunidade ou um povo.

Referências

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 745-772, set./dez. 2007.

ARF, Lucilene Machado Garcia. O texto literário como constructo de um espaço transcultural e transnacional. **Raído**, Dourados, v. 14, n. 34, p. 11-20, jul. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu; LEMOS, Sarah. **Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2023**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2023.

FEDERICI, Sílvia. Na luta para mudar o mundo: Mulheres, Reprodução e Resistência na América Latina". Tradução de Luciana Benetti Marques Valio. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, e70010, 2020.

FEDERICI, Sílvia. **O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2018.

FERREIRA, Stael Moura da Paixão. **Literatura e identidade nacional**: representações culturais, étnicas e linguísticas na fronteira Brasil-Bolívia. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2013. Disponível em: <http://ppgefcpn.sites.ufms.br/files/2016/01/Stael-Moura.pdf>.

MACÊDO, Márcia S. Mulheres chefes de família e a perspectiva de gênero: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza. **Caderno CRH**, Salvador, v. 21, n. 53, p. 389-404, maio/ago. 2008

MARTES, Ana Cristina B. **Mulheres migrantes nas fronteiras**: gênero, família e trabalho. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2009.

PAREDES, Julieta. **Hilando fino**: desde el feminismo comunitario. La Paz: Comunidad Mujeres Creando Comunidad, 2010.

ROMANELLI, Marina. **A representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2014.